

A grande enchente: história da diferenciação das línguas¹

Davi Kopenawa Yanomami²

Resumo

Davi Kopenawa nos brinda com duas narrativas que relatam a diversidade e a vitalidade das línguas faladas entre os yanomami. Na primeira, conta-nos sobre a grande enchente que levou à diferenciação entre as línguas, ocorrida após um evento extremo causado por uma desordem no plano humano e que abalou tanto o plano divino-espiritual como a terra-floresta. Os povos que dali surgiram foram transformados em espumas de distintas cores e qualidades, e carregados pela correnteza do Rio Parima. Com fina ironia, Kopenawa recorre, no texto seguinte, ao paladar adocicado da cana de açúcar para meditar sobre a atratividade da língua portuguesa, que lhes tem sido imposta através dos tempos.

Palabras-chave: Yanomami; Línguas; Diversidade; Ameaças.

Abstract

David Kopenawa presents us with two narratives that tell of the diversity and vitality of the languages spoken among the Yanomami. The first narrative is about the great flood that led to the differentiation of languages, which occurred after an extreme event caused by a disorder on the human plane and which shook both the divine, the spiritual plane and the forests of the earth. The people who emerged from there were transformed into foams of different colours and qualities, and carried by the current of the Parima River. With fine irony, Kopenawa uses, in the second narrative, the sweet taste of sugar cane to meditate on the attractiveness of the Portuguese language, which has been imposed on them throughout time.

¹ Agradecemos à Associação Hutukara e ao Instituto Socioambiental pela permissão para publicar esses dois textos presentes no livro "As línguas Yanomami no Brasil: diversidade e vitalidade", organizado por Helder Perri Ferreira, Ana Maria A. Machado, Estevão Benfica Senra, e publicado em São Paulo, em 2019, como parte da coleção *Urihi anê thêpêã pouwi* – Saberes da Floresta Yanomami.

² Davi Kopenawa Yanomami nasceu por volta de 1956, em Marakana, grande casa comunal situada na floresta tropical de piemonte do alto rio Tootobi, no norte do Estado do Amazonas, próximo à fronteira com a Venezuela. Fundou em 2004 a Associação Hutukara, que representa a maioria dos Yanomami no Brasil. Em 2010, lançou em parceria com o antropólogo Bruce Albert "Le chute du ciel: Paroles d'un chaman yanomami". Traduzido para a língua portuguesa em 2015, "A Queda do Céu: Palavras de um xamã yanomami" é considerada obra indispensável para o conhecimento sobre os Yanomami, a Amazônia, e as relações interétnicas no Brasil.

Keywords: Yanomami; Languages; Diversity; Threats.

A grande enchente: história da diferenciação das línguas

Nossos velhos, nossos xamãs, contam essa história. Eu a escutei de meu sogro/tio contando durante um *hereamu* quando eu era criança. Ele nos contou assim:

Nos primeiros tempos, a terra-floresta se transformou. Foi na frente do Hayoari, na terra de Hayoari, onde Omama³ surgiu nos primeiros tempos, na região próxima ao Rio Orinoco, onde existem também outros rios, foi ali que aconteceu. Lá, os antigos foram levados pela correnteza como espumas, depois de uma grande inundação, ocorrida pelas águas que saíram da fonte que fica próxima ao Rio Parima.

Nesse lugar, uma moça yanomami teve sua primeira menstruação, por isso entrou em reclusão menstrual⁴. Enquanto ela seguia reclusa dentro de uma pequena choupana, acontecia um festival funerário (*reahu*) em sua comunidade. Durante essa festa, quando os homens faziam o diálogo cerimonial *ỹaimu*, começou uma briga entre as pessoas, que bateram no irmão da moça que tinha tido a primeira menstruação. Ouvindo a confusão, a moça saiu de sua choupana da reclusão e, com isso, a terra acabou se transformando! A terra-floresta entrou em desordem e se transformou com o sangue menstrual. Logo, ficou escuro e, então, começou a jorrar muita água da fonte nas montanhas. Por toda essa água ter jorrado, a terra-floresta ficou inundada e algumas pessoas se afogaram. A água foi ejetada com muita força: "taaaaaaiiiii!", os velhos gritaram, mas logo as pessoas foram levadas pela correnteza. Porém, Omama – que ainda estava vivo –, por ser forte, resistiu e se agarrou rapidamente. Então, ele fez assim: aqueles que se afogaram, Omama os salvou pegando-os com uma panela de barro. Aqueles que tinham flutuado pelas águas, ele também pegou com um cesto e os colocou no chão. Nesse rio, a correnteza fluía muito rapidamente! Onde a água jorrou, na fonte do jato de água, foi nesse rio aqui que o Omama ficou esperando. Foi aqui que nos afogamos e, afogados, nos transformamos em espumas.

As espumas relativamente escuras viraram os negros. As espumas alaranjadas foram colocadas em outras terras e viraram outras pessoas. Já aquelas espumas brancas – vocês – a espuma de vocês, brancos, Omama colocou a espuma de vocês

³ Demiurgo yanomami.

⁴ Essa história se refere à reclusão menstrual das mulheres yanomami, que, durante a menarca, devem seguir uma série de regras como o isolamento. Caso não as sigam, exporiam todos a um novo cataclismo climático (ver Albert, 1985). Há uma série de variações regionais acerca do rito da primeira menstruação, bem como ao mito que se refere à reclusão menstrual.

lá longe: “*Vou colocar vocês lá! Não aqui perto, só lá em outras terras!*”. Aqui perto, por último, colocou na terra as nossas espumas: Xamathari, Ninam, Sanoma, Ye’kwana... Aqui, ele colocou essas espumas. Assim aconteceu com nossos antepassados que se afogaram, foi assim que Omama fez com as espumas. **É por isso que falam diferente, então suas línguas se diferenciaram.** “*Ha! Esses aqui falam Xamathari, esses aqui falam a língua Waika, esses aqui falam Yãroamë, esses aqui, habitantes das serras, falam nossa língua das pessoas das serras.*” Tem também a língua Sanöma e Ye’kwana. Foi assim que Omama fez e, portanto, as línguas ficaram diferentes, apesar disso ainda nos entendemos um pouco, pois somos filhos de Omama.

Os brancos tiveram suas espumas colocadas lá longe, aqueles da espuma branca e da espuma escura foram colocados distantes, portanto se afastaram. Eles falam diferente, pessoas diferentes ficaram com línguas diversas, os *napëpë* ficaram com línguas de vespas, sua língua soa como o zumbido das vespas.

São assim as palavras dos velhos. Quando eu sonho, quando tomo *yakoana*⁵, eu vejo como é. Quando eu tomo *yakoana* ou quando estou dormindo, pois os sonhos me explicam.

⁵ Pó feito a partir da seiva da árvore *Virola sp.* Tem efeitos alucinógenos e é alimento dos espíritos auxiliares dos xamãs yanomami.

O português é doce, como caldo de cana

As línguas indígenas começaram a ficar ameaçadas há muito tempo. Antigamente, os antepassados dos *napëpë* chamaram as crianças e os jovens indígenas para torná-los *napëpë*. Eles ensinaram aos jovens índios o que ensinavam aos *napëpë*: os escolarizaram e os proibiam, então, diziam assim para essas crianças e jovens: *"Aprenda minha língua! Aprenda minha língua napëpë, pegue a de verdade, para você falar! Vamos fazer sua língua acabar!"* – Foi isso que os brancos disseram. – *"Eu só entendo mesmo a minha língua, então, se você aprendê-la, será bom! Vocês não falem mais suas línguas! Deixem de falá-las, vamos fazer sua língua acabar! Aprendam só nossa língua de branco, então, quando vocês aprenderem mesmo a nossa língua, vai se tornar uma língua só!"* – Assim que os brancos disseram e ainda dizem para nós. Dizem sempre! Os brancos não pensam que sabemos pensar.

Se nós não cuidarmos da nossa língua, ela vai acabar! Daqui a muito tempo nossas línguas vão acabar! O português já entrou lá na região de Ajuricaba. Já mordeu primeiro lá em Ajuricaba. Pelo fato dos *napëpë* terem chegado lá e dito para os Yanomami: *"Não fale a sua língua! Fale a minha língua! Só assim vou entender! Se você falar sua língua, eu não entendo"*. Por terem dito isso para os Yanomami, na terra dos *Kepropë thëri* (grupo yanomami de Ajuricaba), a língua dos brancos grudou ali, as palavras dos brancos já grudaram no pensamento dos Yanomami. *"Hoo... a língua dos brancos é muito boa! A língua dos brancos soa muito bonito! Nós, agindo como Yanomami vamos fazer acabar nossa língua"*. Então, foi assim que acabou. Faz muito tempo que isso também aconteceu com a língua dos Macuxi e Wapichana. Já fizeram acabar as línguas desses povos!

A língua portuguesa é doce, como o caldo da cana, eu já sonhei isso: *"Fique esperto! O português é doce, como o caldo de cana!"*. Por que é doce? Por ter a intenção de fazer sua língua acabar. Quando você a engolir, quando você a coloca para dentro de si, você se apaixona por ela. Ao se apaixonar pelo português, você para de agir como Yanomami. Vocês dizem que *"nós vamos virar napë"*, mas eu digo que nós não nos tornamos brancos. As crianças apenas pegam a língua portuguesa à toa, nossa pele não se torna *napë*, nossos olhos não se tornam *napë*, é isso que eu digo para os jovens.

Nossos diálogos cerimoniais, nossos cantos, nossas palavras resistem. Porém, os Yanomami das próximas gerações, aqueles que irão crescer no futuro, se eles não ficarem espertos, essas palavras irão sumir. Nossas palavras serão levadas por completo. Os políticos *napëpë* irão levar nossas línguas por completo! É assim que eu

penso. Eu não apenas penso isso, eu digo! Se nossa língua for levada, nós iremos apenas ficar falando assim: "*É! Bom dia, vamos almoçar, vamos tomar banho, vamos trabalhar, vamos viajar*". Só vamos falar isso. Vai sobrar apenas a língua Yanomami mais grosseira, acho que vai acontecer isso daqui 100 anos, 200 anos, mas eu estou lutando contra isso, eu estou lutando para que nossos jovens aprendam a pensar e proteger nossa língua. É isso que eu estou pensando.